

“FILHOS TRANSGÊNEROS MERECEM ACEITAÇÃO, RESPEITO E AMOR”: ANÁLISE DA REPORTAGEM DO SITE *DICAS DE MULHER*.

Ariane Pickersgill Arana¹
Joanalira Corpes Magalhães²

Resumo: O presente trabalho é resultante das pesquisas que temos realizado na dissertação mestrado que visa investigar como as crianças trans estão sendo (re)produzidas pelas mídias digitais. A partir desse estudo, temos como proposta neste artigo analisar uma reportagem do site Dicas de Mulher, que apresenta uma matéria a respeito dos/as filhos/as transgêneros/as. Por meio desse artefato cultural é que vamos investigar que tipos de leituras estão presentes nesse site que têm como propósito auxiliar mulheres nas mais variadas instâncias sociais, além de, analisar como estão sendo discutidas as questões de gênero. Através desse artefato é importante também pensarmos a educação para além da escola: que espaços são esses que também educam os sujeitos? Que locais essas pedagogias culturais estão inseridas e se fazendo valer de ensinamentos diários sobre “a vida”, sobre a constituição e valores de um sujeito?

Palavras-chave: Artefatos Culturais; gênero; transexualidade.

HIJOS TRANSGÊNEROS MERECEM ACEPTACIÓN, RESPEITO Y AMOR - ANÁLISIS DE LA REPORTAJE DEL SITIO CONSEJOS DE MUJER.

Resumen: El presente trabajo es el resultado de las investigaciones que hemos realizado en la disertación de maestría que pretende investigar cómo los niños trans están siendo (re) producidos por los medios digitales. A partir de ese estudio, tenemos como propuesta en este artículo analizar un reportaje del sitio Consejos de Mujer, que presenta una materia acerca de los/las hijos/as transgêneros/as. Por medio de ese artefacto cultural es que vamos a investigar qué tipos de lecturas están presentes en ese sitio que tienen como propósito auxiliar a mujeres en las más variadas instancias sociales, además de analizar cómo se están discutiendo las cuestiones de género. A través de este artefacto es importante también pensar la educación más allá de la escuela: ¿qué espacios son los que también educan a los sujetos? ¿Qué lugares se han introducido estas pedagogias culturales y se hacen valer de enseñanzas diarias sobre "la vida", sobre la constitución y valores de un sujeto?

Palabras clave: Artefactos Culturales; de género; transexualidad.

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Pedagoga e Psicopedagoga Clínica e Institucional.

²Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora Adjunta do Instituto de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora do PPG Educação em Ciências: Química da vida e da saúde (Associação Ampla FURG/UFRGS/UFSM) e do PPG em Educação da FURG. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultante da disciplina *O Conceito de Pedagogia Cultural e suas implicações no campo da Pesquisa Educacional Contemporânea* oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A partir das discussões realizadas durante a disciplina, no qual, foram discutidos os conceitos de Pedagogia cultural, Estudos Culturais e Artefatos Culturais, dentro dessa perspectiva, analisaremos um artefato cultural presente na mídia digital: o site “Dicas de Mulher”.

A escolha do tema se dá devido às pesquisas que temos realizado para dissertação de mestrado que visa investigar como as crianças trans estão sendo (re)produzidas pelas mídias digitais. A partir desse estudo, temos como proposta neste artigo analisar uma reportagem do site Dicas de Mulher, que apresenta uma matéria a respeito dos/as filhos/as transgêneros/as.

Como sabemos, é cada vez mais frequente encontrarmos dentro dos produtos midiáticos, reportagens a respeito da criança transexual. Nosso intuito é analisar um site direcionado a mulheres que traz como reportagem – *“Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor”*.

A partir desse artefato cultural é que vamos investigar que tipos de leituras estão presentes nesse site que têm como propósito auxiliar mulheres, nas mais variadas instâncias sociais, além de, analisar como estão sendo discutidas as questões de gênero.

Através desse artefato é importante também pensarmos a educação para além da escola: que espaços são esses que também educar os sujeitos? Que locais essas pedagogias culturais estão inseridas e se fazendo valer de ensinamentos diários sobre “a vida”, sobre a constituição e valores de um sujeito? Na perspectiva de analisar e problematizar como os sujeitos são constituídos a partir de discursos que ensinam valores, maneiras de ser e agir na sociedade sendo homens ou mulheres, estabelecemos conexões dentro dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

TECENDO ALGUNS CONCEITOS

Os Estudos Culturais

O campo dos Estudos Culturais começou a se difundir em 1964, no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

Eles vêm discutindo sobre as problematizações em torno da cultura. Sabendo que a cultura tinha um cunho elitizado, onde somente teriam “cultura” os sujeitos de um padrão hierárquico e segregacionista, os Estudos Culturais emergem com a proposta de problematizar o entendimento de cultura, fazendo com que ela se difunda a partir de outros olhares, com base na cultura de massa, na cultura popular das multidões.

Os Estudos Culturais referem-se aos aspectos culturais da sociedade. De acordo com Silva (1999, p. 133-134):

A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.

Os Estudos Culturais buscaram dar visibilidade a cultura popular, onde todos os sujeitos sintam-se incluídos e também para que a mesma fosse difundida e valorizada, priorizando o interesse e saberes de todos os grupos sociais, para que esses tivessem a oportunidade de mostrar suas especificidades assim como a cultura elitista.

Os Estudos Culturais, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Em seus desdobramentos, os Estudos Culturais investem intensamente nas discussões sobre cultura, colocando a ênfase no seu significado político. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER. 2003, p. 38)

Segundo Silva (1999, p. 131-133), para os Estudos culturais “[...] a cultura deveria ser compreendida como modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano”.

Os Estudos Culturais vão se construindo e se aportando em diferentes campos de saberes, abrindo portas e permitindo diferentes olhares antes não contemplados. Os/As autores/as como Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 40) acreditam que os Estudos culturais têm se caracterizado por: “serem um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, é buscarem inspiração em diferentes teorias, é romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas”.

Os Artefatos Culturais

Encontramos os artefatos culturais em diferentes instâncias do nosso cotidiano, visto que, todo processo cultural como museus, jornais, revistas, televisão, livros, propagandas publicitárias, currículos escolares, filmes, música, internet, entre outros, são entendidos como artefatos. Todos esses artefatos culturais acabam nos educando, de uma maneira ou de outra somos capturados pelas pedagogias culturais que aí circulam.

Como diz Silva (1999): “Sob a ótica dos Estudos Culturais, todo conhecimento, na medida em que se constitui num sistema de significação cultural estão vinculadas as relações de poder”. Nessa perspectiva, busca-se analisar instâncias, instituições e processos culturais aparentemente tão diversos quanto às exposições de museus, televisão, publicidade, cinema, entre outros, abordando-os como processos culturais que estão presentes na construção dos modos de ser e estar no mundo.

As práticas culturais são produzidas e reproduzidas numa variedade de locais sociais e o peso de sua “gravidade social” se manifesta na forma como elas estão inscritas no corpo, como movem as pessoas à ação e colocam limites à gama de possibilidades através das quais os indivíduos negociam suas identidades e seu sentido de agência social. (GIROUX, 1995, p.135)

Sabendo que os artefatos são produções culturais que nos educam, Giroux (1995), diz que: os modos simbólicos de produção – imagens eletronicamente produzidas, textos escritos, fala e ações – são textos públicos influentes que constroem significados e operam no contexto de uma diversidade de lutas sociais e modos de contestação.

As Pedagogias Culturais

Entendemos por pedagogias culturais tudo aquilo que nos traz ensinamentos e conhecimentos que estão ligadas diretamente aos artefatos culturais. Para Camozzato (2015, p. 506), “a pedagogia relaciona-se com o modo de conduzir os sujeitos, de operar sobre eles para obter determinadas ações, incitando a um governo de si e dos outros”. Em Silva (1999, p.139), o autor diz que

Se o conceito de cultura permite equiparar com a educação e outras instâncias culturais [...] tal como as outras instâncias culturais são também pedagogias. [...] então, através dessa perspectiva, ao mesmo tempo que a cultura é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista

como uma forma cultural: o cultural se torna pedagógico e a pedagogia torna-se cultural.

Camozzato (2015) salienta que o conceito de Pedagogia e Cultura sofrem transformações que são operadas na sociedade, ou seja, um conceito que está em constante transformação.

Atualmente encontramos diferentes conceitos para as pedagogias, visto que, ela é reconhecida como uma ciência, a partir dessa construção e/ou referência de ciência, de produzir verdades, a palavra Pedagogia vem sendo utilizada nas diferentes formas de educar e constituir os sujeitos. Podemos citar: a Pedagogia do Amor, a Pedagogia da amizade, Pedagogia da Humanização, Pedagogia do Consumo, entre outras.

Situar o conceito de pedagogias culturais como a expressão de um conjunto de transformações sociais e culturais que tornaram possíveis a sua emergência. Às transformações sociais talvez seja possível afirmar que se acrescentam, também, formulações e reformulações nos conceitos utilizados para descrever e construir a sociedade. (CAMOZZATO, 2015, p.580)

Através desse empoderamento da palavra Pedagogia que ela vai sofrendo alterações e construções de verdades. A escola nos dias de hoje deixa de ser o único lugar onde se aprende, atualmente através de outros espaços educativos ou não sempre somos conduzidos a aprender, porque estamos expostos a todo tipo de conhecimento.

Infâncias e Transexualidade

O entendimento acerca das infâncias vem se modificando ao longo do tempo. Antes tínhamos uma ideia de inocência – que ainda persiste com relação a alguns temas como o da sexualidade – o adulto responsável pelas escolhas desse sujeito, bem como uma nítida distinção do “mundo adulto” para o “mundo infantil”

De acordo com Esperança (2013), as delimitações da infância vão se desenvolvendo em múltiplas direções, pois “ao serem percebidas de forma diferenciada em relação aos adultos, as crianças tornam-se foco de atenção do Estado e alvo do olhar, religioso e científico, tendo suas particularidades definidas” (2013, p. 42).

Nos dias de hoje, podemos perceber outros modos de viver as infâncias. Nas diferentes mídias e redes sociais, por exemplo, vemos crianças que apontam sua vontade, seu posicionamento e suas escolhas, apesar da supervisão dos/as responsáveis,

elas expressam, de certa forma, o que pensam e o que desejam. Além disso, o mercado de consumo se mostra cada vez mais voltado a esse sujeito, com produtos diferenciados para essa fase da vida. O espaço considerado infantil deu lugar ao espaço dos adultos, onde as brincadeiras foram se transformando, as roupas se diferenciando, possibilitando outras formas de ser e agir. Marisa Vorraber Costa (2010), vem mostrando uma caracterização da infância na contemporaneidade. Para a autora, “surge uma infância de crianças espertas, empreendedoras, crescentemente fascinadas, engendradas e capturadas pela tecnologia” (COSTA, 2010, p. 141).

Atualmente a concepção de infâncias está sendo construída de forma heterogênea, pois em cada cultura são construídas e vividas diferentes infâncias. Há muitos contrastes em relação às diferenças sociais existentes, e tudo isso é traduzido na criança com certa especificidade, como a maneira que ela se socializa, sua cultura, sua etnia, entre outros. Costa (2010, p. 140), aponta que “as crianças buscam infatigavelmente a fruição e o prazer e, nessa busca, aparecem borradas as fronteiras de classe, gênero e geração”.

As crianças são instituídas por delimitações a partir de uma vigilância em suas ações. Desse modo,

[...] o delineamento de formas de interdição à ação das crianças, assim como a criação de políticas de proteção, de práticas sociais e institucionais voltadas especificamente para elas, tais como a escolarização, homogeneizam, reforçam e naturalizam significados particulares sobre as crianças, forjando suas experiências e construindo seus modos de ser (ESPERANÇA, 2013, p.46).

Por esse viés, estamos entendendo as infâncias enquanto construções sócio, históricas e culturais. Esse processo não é neutro e nem linear e vai se desenvolvendo a partir da convivência com sua família, com seu meio social, nas mídias, na escola, entre outros espaços que nos educam. Para Larrosa (2003), “a criança expõe-se completamente ao nosso olhar, se oferece absolutamente às nossas ideias, nossos sonhos e nossos delírios. Dir-se-ia que o recém-nascido não é outra coisa senão aquilo que nós colocamos nele” (LARROSA, 2003, p. 140). O autor vem mostrando o quanto a criança está submetida ao nosso conceito e a nossa concepção sobre as coisas e sobre o mundo.

Nesse processo de construção, as crianças vão sendo ensinadas a se reconhecer em um determinado gênero, sendo socialmente requerido que ela se reconheça em

correspondência ao seu sexo biológico. Contudo, ao entendermos os gêneros enquanto construções tal correspondência não é inata e natural. Nem sempre a criança se identifica com seu sexo biológico, logo, é importante pensarmos sobre essas questões.

A autora Judith Butler (2016) vem nos possibilitando pensar sobre essas questões a partir da ideia de construção performativa do gênero, ou seja, as posições em que os sujeitos se enquadram ao assumirem uma determinada identidade, identificando-se a partir de conceitos imbricados nas relações binárias da sociedade. Nesse sentido, encontramos a criança transexual, na qual vivencia diferentes formas de experienciar seu gênero. De acordo com Longaray (2014), não existe uma única forma de ver e entender essas subjetividades. Desse modo,

[...] as formas como são entendidas e definidas são construídas socialmente, evidenciando múltiplas e plurais formas de vivenciar tais subjetividades, que são produzidas a partir de práticas, estratégias, mecanismos disponíveis na cultura e na sociedade, sendo (re)modelados e (re)significados constantemente (LONGARAY, 2014, p. 35).

Os sujeitos que vivenciam as experiência trans vão (re)modelando e (re)construindo novos modos de ser e agir, ou seja, criam como diz Butler “sua construção performativa de gênero”. (BUTLER, 2016, p. 56).

Recentemente encontramos em diferentes artefatos culturais reportagens relacionadas à criança transexual, e como elas estão sendo apresentadas nos mais diversos meios sociais. Essas são construções que devemos analisar para pensarmos as infâncias na contemporaneidade.

Para isso, precisamos pensar sobre os entendimentos acerca da transexualidade que estão sendo produzidos ao longo do tempo. Pensar sobre tal conceito é perceber a rede discursiva tramada por diferentes campos de saber.

Para os/as estudiosos/as, como Berenice Bento (2006), os gêneros são entendidos como “performances que os sujeitos atualizam suas práticas cotidianas para serem reconhecidos como membros legítimos do gênero com o qual se identificam”. (BENTO, 2006, p. 11). Assim, a transexualidade não é reconhecida como uma patologia – como alguns campos de saber como a medicina e a psiquiatria vem nomeado –, e sim uma forma de se reconhecer e de se identificar. A autora ainda diz que,

A transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos “normais/anormais” e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais. (BENTO, 2008, p.25)

A transexualidade vai além das questões binárias em que nossa sociedade está acostumada a vivenciar, de certa forma ela rompe com essas barreiras de homem/mulher, masculino/feminino, ela se multiplica e se reinventa a partir de diferentes possibilidades de construir e viver os gêneros.

SITE – UM ARTEFATO CULTURAL EM NOSSA ANÁLISE

Para realizar a análise dos dados desse estudo buscamos nos direcionar através dos caminhos da Análise Cultural. Para Moraes (2017), a Análise Cultural é um método analítico para se abordar diferentes discursos dentro dos Estudos Culturais, assim sendo, nos utilizaremos desse método para realizar nossas investigações.

A escolha dessa ferramenta se deu porque as Análises Culturais possibilitam problematizar os artefatos culturais presentes em nosso cotidiano. Com isso, nos possibilitou perceber o que vem sendo dito sobre a criança transexual nos espaços midiáticos, bem como proporcionou a discussão desse assunto a partir dos diferentes conhecimentos e entendimentos presentes na reportagem analisada.

O artefato cultural a ser analisado neste texto é um site da internet, pois como sabemos, esse e outros artefatos culturais vêm trazendo modos de ser e estar no mundo, educando os sujeitos. O site em análise é direcionado ao público feminino, e busca apresentar como a(s) mulher(s) devem se comportar perante alguns fatos do dia-a-dia, fazendo com que as mulheres sejam interpeladas por esses discursos presentes nesse artefato.

O site “*Dicas de mulher*”, escolhido para análise deste artigo, traz uma reportagem endereçada às mães com o título: “*Filhos Transgêneros merecem aceitação, respeito e amor*”. Utilizaremos desse artefato cultural para investigar que instâncias são essas tratadas na reportagem acima.

O site “*Dicas de mulher*” é diretamente ligado ao público feminino, onde traz dicas de beleza, dicas de comportamento, dicas de casa, dicas para mães, dicas de moda, dica para noivas, dicas de saúde e mais teste e reportagens endereçadas a mulheres modernas.

Na coluna que traz as dicas de beleza, são reportagens sobre cabelo, corpo, mãos, pés, maquiagens, pele, entre outros. Na coluna Dicas de Comportamento as dicas são de bem estar, carreira e finanças, família e relacionamentos, etc. Dicas de Moda vem falando sobre as tendências de calçados, acessórios, como devem ser usados certas

roupas e acessórios, tem também uma coluna chamada tá na moda – são retratadas as novas tendências da estação. Na coluna Dicas de Noivas traz reportagens e dicas para noivas em relação à maquiagem e cabelo, ao planejamento do casamento, vestidos e acessórios, entre outros, já nas Dicas de Saúde, o site fala sobre alimentação, fitness, prevenção e tratamento de varizes, estrias, celulites, entre outras coisas relacionadas à saúde da mulher. E na Coluna Dicas de Mães, o site mostra a elas dicas sobre bebês, crianças e adolescentes, gravidez. Dentro dessa coluna está nosso material de análise que é a reportagem sobre filhos/as transgêneros/as.

Esse artefato é organizado somente por mulheres que escrevem e redigem as reportagens sobre o “mundo feminino”. São dezessete mulheres que se dividem para falar sobre cada tema. O site é composto por profissionais das áreas de jornalismo, comunicação, gastronomia, fisioterapeuta, publicitárias, produtora de eventos, fotografas, blogueiras, estudantes, entre outras.

Também tem um espaço para que novas mulheres se candidatem a participar do site, colaborando com dicas de sua especialidade. O site aceita somente mulheres para compor seu quadro de colaboradoras.

REPORTAGEM DE ANÁLISE “FILHOS TRANSGÊNEROS MERECEM ACEITAÇÃO, RESPEITO E AMOR”.

A reportagem escolhida para análise vem do interesse de nossa pesquisa de mestrado, na qual tem como tema “Como as crianças transexuais estão sendo (re)produzidas pelas mídias”. A partir desse artefato, o site *Dicas de Mulher* traz uma reportagem endereçada às mães mostrando “como deve ser” o tratamento dos/as filhos/as trans. Além da reportagem, o site traz três vídeos com depoimentos de pessoas transgêneras, familiares e amigos/as.

Para um melhor entendimento apresentamos alguns fragmentos da reportagem “Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor” de autoria de Mayara Benatti, publicada no dia 12 de fevereiro de 2016 no site *Dicas de Mulher*.

“Ao lidar com a transgeneridade dos filhos, por exemplo, muitos pais se sentem despreparados para a situação, na maioria das vezes por pura falta de informação. Mas e você, sabe o que é uma pessoa trans? [...] Uma pessoa trans é quem não se identifica com seu gênero biológico e todos os significados que são atribuídos a esse gênero, tais como: tipos de roupas, cores, atividades e comportamentos que são socialmente construídos e vistos como

típicos do gênero feminino ou masculino. Uma pessoa trans é, portanto, uma pessoa que transita de seu gênero biológico para o gênero com o qual se identifica.”

Neste trecho, podemos notar a presença da família, a importância da mesma para lidar com a situação de ter um/uma filho/a transgênero/a, e por ela ser o primeiro espaço de convivência da criança, é muito importante que os pais tenham a compreensão do que é ser transgêneros, apresentando, assim, uma breve conceituação do termo.

“Quanto à identificação de uma pessoa trans no ramo da saúde mental, existem diversos embates e embora alguns profissionais ainda vejam a situação como uma patologia, muitos outros profissionais da área lutam para acabar com essa concepção preconceituosa e garantir que cada pessoa agencie seu próprio gênero. ‘Uma identidade decorre do protagonismo de cada pessoa, não decorre de procedimentos cirúrgicos ou adequações a estereótipos e preconceitos’, explica a psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus.”

“Alguns termos e nomenclaturas são utilizados em conversas sobre gênero e a compreensão dos mesmos é importante para entender e esclarecer algumas coisas. Confira abaixo explicações sobre alguns termos para entender melhor os debates sobre gênero: Gêneros cis e trans: Pessoas cis (cisgêneras) são pessoas que se identificam com o gênero designado a elas pela biologia. Pessoas trans (transgêneras) são pessoas que não se identificam com o gênero designado a elas pela biologia e transitam para o gênero oposto. ‘Quando falamos de pessoas trans, estamos tratando que uma questão de gênero, expressão e identidade de gênero, esse debate não tem nada a ver com sexualidade ou orientação sexual’, ressalta a psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus. [...] ‘Cada pessoa expressa sua maneira de viver como uma pessoa deste ou daquele gênero, em conformidade ou não com os padrões culturais’, explica Jaqueline.”

A reportagem segue apresentando o assunto e destaca o seguinte item:

“É possível identificar sinais de que meu filho é transgênero? As manifestações de identidade de gênero podem ocorrer em qualquer idade. ‘Desde crianças crescemos nos reconhecendo ou não nos padrões culturais valorizados para este ou aquele gênero’, comenta Jaqueline. Portanto, uma pessoa ainda na infância pode se identificar com o gênero biológico e todas as construções sociais impostas a esse gênero ou então se identificar com o gênero oposto. No entanto, negar padrões estabelecidos para um gênero, não significa necessariamente que a criança ou adolescente é uma pessoa trans. ‘Todas as pessoas crescem sendo estimuladas ou reprimidas a agirem de acordo com o gênero ao qual são

designadas socialmente, e quando temos crianças e adolescentes não conformes a esse apartheid de gênero, elas costumam ser muito reprimidas e sofrerem grande estresse’, explica a psicóloga.

Os sinais podem aparecer, mas como dito anteriormente, eles podem não significar que a criança ou adolescente é uma pessoa trans. ‘Os pais podem saber, basicamente, se seus filhos agem conforme os comportamentos reconhecidos para este ou aquele gênero, e nem por isso podem ser apontadas como crianças trans’’, explica Jaqueline. O reconhecimento da transgeneridade ocorre, portanto, a partir da identificação individual de cada pessoa’.

Percebemos nos fragmentos destacados o quanto a voz autorizada da psicóloga vem trazendo para leitores e leitoras um maior esclarecimento e veracidade em relação ao que é ser transgênero. Além disso, busca explicar para os pais medidas para ter atenção no comportamento de seu/sua filho/a para conseguir perceber qualquer mudança de comportamento.

“9 maneiras de conviver de maneira respeitosa com pessoas trans:

Todos merecem respeito, essa afirmação deve ser levada em conta na convivência com qualquer pessoa. No entanto, sabemos que alguns grupos tendem a sofrer preconceitos em diversos ambientes sociais e muitas vezes, dentro do ambiente familiar. Abaixo, com a ajuda de Izabela Fournier, mulher trans, e da psicóloga Jaqueline, listamos maneiras de conviver de maneira respeitosa com as pessoas trans. Confira:

- 1. Busque criar um ambiente seguro para seu/sua filho/a dentro de casa;*
- 2. Tenha empatia pela situação, coloque-se no lugar dessa pessoa;*
- 3. Não reprima a identidade de gênero da criança ou adolescente;*
- 4. Tenha em mente que seu/sua filho/a não tem problema algum e o que o problema está na maneira com que a sociedade lida com as questões de gênero;*
- 5. Busque informar-se com leituras que permitam aprendizados sobre as questões de gênero;*
- 6. Busque apoio na escola para que a pessoa trans não sofra repressão nesse ambiente;*
- 7. Procure apoio com profissionais da saúde mental bem informados que valorizem diversas formas de vivenciar os gêneros;*
- 8. Faça contato com outros pais que estão na mesma situação, para que aprendam e se fortaleçam juntos;*
- 9. Lembre diariamente ao seu/sua filho/a o quanto ele/a é amado/a.”*

A partir da reportagem de Banetti (2016), onde traz uma psicóloga especialista no assunto como referência, na qual ela explica ao público o que é transgêneros e suas diferenças, a especialista procura exemplificar e colocar de maneira clara e objetiva o que são tais conceitos como: Pessoa Cisgênero e Transgênero, Gênero biológico, Orientação sexual, Identidade de gênero e Expressão de gênero.

Essa matéria traz ainda conceitos que vão constituindo os sujeitos, mostrando como devem se comportar, perante um filho ou filha, como podem perceber quais diferenças que as crianças podem ou não sofrer, para saber identificar se o filho ou a filha é ou não uma criança transgênera. Além de mostrar maneiras de como devem se comportar perante esse filho ou filha.

Tais pedagogias culturais educam os sujeitos, seus modos de pensar e agir, neste caso, exemplificando para as mães a melhor maneira de conduzir a situação frente ao filho ou filha transgênero.

Discursos que se dizem no correr dos dias e das trocas e que passam como o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, cem ditos e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 1998, p.22).

Essas fabricações fazem parte de nossa cultura, desse aglomerado de construções e significações que a sociedade vive, pois, essa explosão de informações vem constituindo a maneira de pensar e agir sobre determinados fatos e acontecimentos.

As pedagogias presentes nessa reportagem vão nos ensinando determinados modos de agir e se portar perante as crianças transexuais para que ela não se sinta excluída e incomodada pela sua condição. Fischer (2003) traz o quanto o trabalho pedagógico está presente no cotidiano dos sujeitos, o quanto ele nos ensina e nos modifica. A autora reitera que,

[...] o trabalho pedagógico insere-se justamente aí, na tarefa de discriminação, que inclui desde uma franca abertura à fruição (programas de TV, comerciais, criações em vídeos, filmes veiculados pela TV etc.) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem fala nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no espectador. (FISCHER, 2003, p. 27).

Além disso, os vídeos que compõe a matéria também trazem a realidade desses sujeitos, através de depoimentos do sujeito trans, de familiares e amigos, onde retratam como convivem com a pessoa trans e quais seus maiores temores e medos.

Assim, podemos pensar o quanto os discursos reproduzidos pelas mídias vão construindo e produzindo significados relevantes para os/as leitores/as. Ao trazer nas reportagens sujeitos que vivenciam a experiência transexual e profissionais, colocados/as como vozes autorizadas para falar desses sujeitos, esses discursos vão se tornando relevantes para leitores/as, pois afirmam-se como legítimos. Stuart Hall (1997), vem afirmando que,

[...] as formações discursivas, como são conhecidas, definem o que é e o que não é adequado em nossa formulação e em nossas práticas em relação a determinados assuntos ou localização da atividade social; qual conhecimento é considerado útil, pertinente e “verdadeiro” nesse contexto; e que tipo de pessoa ou sujeito incorpora tais características. (HALL, 1997, s/p)

A partir das reportagens presentes na mídia digital, percebemos o quanto esses artefatos nos educam e nos ensinam maneiras de nos relacionarmos com as pessoas transexuais, além de identificar sinais nas crianças e conviver com esses sujeitos através de “dicas” Outra relação importante que destacamos é a importância da família para esses sujeitos. Essas e outras explicações vão fazendo com que muitas vezes os/as leitores/as sejam interpelados/as por esses discursos e formas de governamento dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as problematizações esboçadas neste texto, procuramos contribuir com algumas discussões acerca dos artefatos culturais presentes em nosso cotidiano, a partir dos Estudos Culturais. A análise do site e em especial a reportagem sobre a transgeneridade possibilitou que pensássemos sobre as diferentes formas de atingir os sujeitos e com isso conceber verdades.

Nessa problematização, dialogamos o modo como vão sendo construídos alguns significados sobre a transexualidade, no qual acabem por estipular algumas subjetividades e determinar algumas formas na construção social, bem como a maneira de lidar e perceber esse sujeito.

Justificamos a escolha do artefato cultural – a mídia digital site – no sentido de pensarmos como um material a ser problematizado, pois suas pedagogias produzem um referencial, uma gama de significações para os sujeitos. No caso do site escolhido para

análise, essa ferramenta se utiliza de diferentes artifícios para atingir seu público, que são mulheres modernas e independentes, conforme descreve o site.

Ao problematizar a questão da reportagem “Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor” e a transexualidade como uma construção dentro da uma rede complexa de saberes e significados, propicia-nos a questionar as formas pelas quais vão sendo fornecidos alguns ensinamentos, representações e valores sobre os sujeitos transgêneros em nossa cultura, principalmente as crianças trans.

Analisar os produtos da mídia nessa perspectiva acaba implicando uma descrição das formas de o poder se manifestar e se exercer, bem como numa descrição dos modos de identificação desses públicos com os produtos a eles destinados, especialmente quando se trata de ver esses grupos em suas diferenças. (FISCHER, 2003, p.80)

Acrescenta-se que este texto buscou a compreensão de que a partir dos Estudos Culturais, que possamos compreender que a partir dessas pedagogias é possível educar e aprender, a construir novos modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS:

BENNATTI, Mayara. Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor. **Dicas de Mulher**. [S.I], Maringá, PR, 2016. Disponível em: <<http://www.dicasdemulher.com.br/filhos-transgeneros/>> Acesso em: 20 mar. 2016.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 2016.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação e Realidade**, Porto alegre, v.39, n.2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, maio-ago, 2003, pp. 36-61. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro, Brasil.

COSTA, Marisa Vorraber. **Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI**. In: Educar, Curitiba, n 37. p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

ESPERANÇA, Joice Araújo. **Ser criança na sociedade de consumidores : outros tempos, outras infâncias.** - 2013. 201 f. Tese (doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande / RS, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** / - 2.ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 160p.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 4. ed Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Editora Loyola, 1998. (Leituras Filosóficas)

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p.132-158.

HALL Stuart. **The Work of Representation.** In: HALL, Stuart. (org.) Representation.Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LONGARAY, Deise Azevedo. **A (Re)Invenção de si: investigando a constituição dos sujeitos gays, travestis e transexuais.** 2014. 226f.; il. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2014.

MORAES, Ana Luiza Coiro. **A análise cultural.** In: / Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós. 2011. Disponível em: <www.compos.org.br-nodocumento:4DF33669-BB03-4C83-92AB-62FBE023BB30>. Acesso em: 24 de Mai. De 2017. p. 1-14.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

